

A construção de sentidos do texto literário via processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias

Silvana Maria Calixto de Lima*

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma proposta de leitura do texto literário, particularmente do poema “Quando eu morrer”, de Castro Alves, a partir da descrição de processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias, recorrentes na constituição do referido poema. O aporte teórico básico para a construção da proposta é proveniente tanto da Linguística de Texto quanto da Linguística Cognitiva, áreas que dão sustentação à concepção cognitivo-discursiva de recategorização assumida no presente trabalho, conforme Lima (2009). Compreende-se que a explicitação do mecanismo linguístico da recategorização, da forma como aqui se procede, pode ser muito produtiva para trazer à tona toda a complexidade e riqueza do texto literário, cuja tessitura se faz num jogo cadenciado de expressões linguísticas que extrapola o nível da própria materialidade do texto. A recategorização é, portanto, um processo fundamental para a progressão temática do poema ana-

lisado, funcionando como uma das peças-chave para a sua consequente construção de sentidos.

Palavras-chave: Recategorização. Construção de sentidos. Texto literário.

* Professora Doutora em Linguística da Universidade Estadual do Piauí e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí.

Introdução

É fato incontestável que os estudos no campo da Linguística de Texto já avançaram consideravelmente no que tange à matéria da construção dos sentidos do texto, recorrendo, os pesquisadores dessa área, com relativa frequência, aos aspectos cognitivos na explicitação desse processo. Nesse contexto, tem sido de suma importância a perspectiva da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995), assumida pela agenda atual do referido campo de investigação, a qual tem permitido um olhar mais acurado sobre os processos referenciais envolvidos na construção do texto e, consequentemente, de seus sentidos. Para essa perspectiva, que se alinha com a concepção sociocognitiva¹ de construção do conhecimento, as categorias linguísticas não são dadas *a priori*, como dita a visão clássica da referência,² mas são construídas no curso das atividades discursivas. Tal deslocamento teórico traz consequências salutares no sentido de admitir a plasticidade e instabilidade das categorias, de forma que o léxico de uma língua passa a ser visto não mais como um decalque do mundo ou como um conjunto de etiquetas pronto para rotulá-lo. São questionadas, portanto, a visão cartográfica do processo de categorização e a visão extensional da referência.

Nessa linha de investigação, o presente trabalho focaliza o processo referencial da recategorização, com o objetivo de fazer uma proposta de leitura do texto

literário, desvendando os seus sentidos a partir da descrição desse processo referencial na tessitura do texto. Para tanto, elegeu-se o poema “Quando eu morrer”, de Castro Alves, cuja temática da morte é tratada de forma bastante condizente com o modelo cognitivo/cultural de morte como uma passagem para outra vida, radicado na cultura ocidental.

A recategorização lexical, cuja abordagem pioneira é creditada a Apothéloz e Reichler- Béguelin, em artigo datado de 1995 e intitulado “Construction de la référence et stratégies de désignation”, é definida por seus precursores como uma estratégia pela qual os falantes designam os referentes (ou objetos de discurso), durante a atividade discursiva, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos. Em outros termos, o falante dispõe de uma série aberta de expressões para nomear um referente, mas essas expressões podem sofrer constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas.

Dado o entendimento de que a perspectiva dos autores abarca o fenômeno da recategorização apenas numa dimensão textual-discursiva, recorre-se, neste trabalho, à concepção de recategorização proposta em Lima (2009), na qual esse processo é compreendido numa dimensão cognitivo-discursiva, permitindo que a sua concepção seja estendida para o nível das estruturas e do funcionamento cognitivo. Nessa concepção mais ampla do referido processo referencial, é possível

(re)construir os sentido do texto a partir de elementos que não se mostram na sua superfície, mas que são evocados a partir dessa superfície. Isso somente é possível porque o cerne dessa concepção mais ampla do processo de recategorização está numa interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, como demonstraremos no desenvolvimento deste artigo.

Desse modo, antes da configuração da proposta de leitura do poema selecionado, o trabalho apresenta os fundamentos teóricos que dão consistência à análise empreendida, que compreendem, dentre outros pontos, a definição cognitivo-discursiva de recategorização e a definição e constituição dos tipos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias. Ressalte-se que a metáfora e a metonímia são aqui tratadas de uma perspectiva sistematicamente cognitiva, muito embora o trabalho da análise não prescindia da evocação das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas presentes no poema com função recategorizadora.

Compreende-se que a explicitação do processo de recategorização, da forma procedida neste trabalho, pode ser muito produtiva para trazer à cena toda a complexidade e riqueza do texto literário, cuja tessitura se faz num jogo cadenciado de expressões linguísticas que extrapola o nível da própria materialidade do texto. A recategorização é, sem sombra de dúvidas, um processo fundamental para a progressão temática do poema

analisado, funcionando como uma das peças-chave para a sua construção de sentidos.

A recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva

De início, a concepção de recategorização lexical, proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), faz-se necessária ao entendimento e contextualização da perspectiva cognitivo-discursiva do processo de recategorização adotada neste trabalho, conforme propomos em Lima (2009).

Os respectivos autores, em linhas gerais, trabalhando com um conceito redimensionado de anáfora, consideram que as expressões anafóricas não têm valor apenas referencial, o que significa que podem ser usadas tanto para apontar para um objeto de discurso quanto para modificá-lo, função essa última que consiste na concepção mesma da recategorização lexical. É esse o caso, por exemplo, dos referentes “homem” e “mulher” recategorizados, no texto humorístico abaixo, respectivamente como “rascunho” e “obra-prima”.

(1) Por que Deus fez primeiro *o homem* e depois *a mulher*?

Por que para se fazer *uma obra-prima* necessita-se sempre de *um rascunho*. (AVIS, 2001, p. 79).

No exemplo (1) observe-se que o enunciador retoma, por um processo anafórico direto, os referentes introduzi-

dos inicialmente (o homem e a mulher) e investe-os de um novo conteúdo informacional, recategorizando o homem como um rascunho e a mulher como uma obra-prima, conforme o seu propósito de desencadear a comicidade do texto. Essas duas ocorrências configuram tipos de recategorizações lexicais denominados pelos autores como recategorizações lexicais explícitas. Mas há também ocorrências do fenômeno reconhecidas por eles como casos de recategorizações lexicais implícitas, conforme explica Cavalcante (2003) na análise do exemplo seguinte, tomado por empréstimo de Marcuschi.³

(2) *A equipe médica* continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida (citado por CAVALCANTE, 2003, p. 114).

Diz a autora que, no exemplo acima, ocorre uma recategorização lexical que transforma a equipe médica em os médicos. Entretanto, essa transformação só se configura implicitamente, pois o que se explicita na superfície textual é a pronominalização de os médicos em “eles”, um processo subsequente. Nesse caso, o pronome anafórico que marca a recategorização não possui um antecedente textual explícito, como se observa no exemplo (1), mas o seu antecedente, implícito, pode ser evocado expressamente por meio de pistas verbais reconhecíveis.

Apesar do reconhecimento desse tipo de recategorização lexical implícita, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) o restringem aos casos de pronominalização, como visto no exemplo (2). Tal

recorte se dá certamente em razão da abordagem dos autores está circunscrita ao nível textual-discursivo, notando-se ainda uma certa tendência para que as recategorizações lexicais explícitas sejam tomadas por eles como os casos mais prototípicos de recategorização lexical. Dessa forma, o fenômeno termina por ser configurado como necessariamente homologado na superfície textual, por uma expressão anafórica correferencial, como ilustram as expressões recategorizadoras “uma obra-prima” e “um rascunho”, no exemplo (1).

Decerto a definição do fenômeno, da forma procedida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), foi ganhando contornos mais amplos, em termos de sua descrição textual-discursiva, à medida que outros estudos foram sendo realizados sob o lastro dos autores no âmbito da Linguística de Texto, como é o caso dos trabalhos de Cavalcante (2003), Leite (2007) e Ciulla e Silva (2008), dentre outros.

Contudo, em Lima (2003),⁴ encontramos fortes evidências de que há muito mais a se dizer do processo de recategorização se considerados os aspectos cognitivos que lhe são constitutivos,⁵ o que permitiu vislumbrar o processo muito além da proposta pioneira de sua abordagem. O exemplo (3) ilustra essa conjectura.

(3) Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.

– Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.

– Eu vim de helicóptero!

– Helicóptero?! O que é isso?
Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
– É um negócio que levanta sozinho...
Ah! Eu sei... meu marido tem *um helicóptero* enorme! (SARRUMOR, 2000, p. 17).

Nesse exemplo, destacamos a ocorrência da expressão “helicóptero” em dois momentos: o primeiro como a introdução do referente helicóptero tomado em seu sentido literal de meio de transporte aéreo; o segundo como o uso dessa mesma expressão, na última linha do texto, porém agora em função recategorizadora. É preciso ver que a expressão “um helicóptero enorme” recategoriza o referente genitália masculina, que somente pode ser inferido a partir das pistas textuais, a exemplo de “É um negócio que levanta sozinho”, que evocam um modelo cognitivo de sexualidade em que esse referente se ancora. Além disso, o contexto de que a índia faz parte de uma cultura que desconhece a existência do meio de transporte helicóptero é propício para que o traço “negócio que levanta sozinho” seja transferido para uma outra categoria, a de genitália masculina, que sofre uma recategorização como “helicóptero enorme”, homologada somente no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo. Notadamente não se pode deixar de realçar o propósito comunicativo dessa recategorização de engatilhar o efeito cômico nesse texto humorístico.⁶

Assim, em Lima (2009), investigando especificamente processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias, redimensionamos a concepção de

recategorização da forma que segue, a partir de uma proposta de interface com a Linguística Cognitiva, particularmente com a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados⁷ (LAKOFF, 1987 et col.).

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57)

Esse redimensionamento da concepção de recategorização traz duas importantes consequências. A primeira diz respeito à questão de o fenômeno deixar de ser concebido como de natureza meramente textual-discursiva, passando a ser tratado de uma perspectiva cognitivo-discursiva. A segunda, derivada da primeira, consiste no entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por, e concentrar-se em, expressões referenciais, pelo fato de que admitimos que a sua construção não se restringe a uma relação entre um referente e uma expressão recategorizadora necessariamente materializados na superfície textual. Por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da materialidade do texto, ou seja, elementos que fazem parte de modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas. É importante

ressaltar que a (re)construção desses elementos só é possível no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como é o caso do exemplo (3), em que vimos que o referente genitália masculina, recategorizado como “um helicóptero enorme”, não é textualmente explícito, mas é inferido a partir da evocação de um modelo cognitivo de sexualidade. Como dissemos, há outras pistas no referido texto que também contribuem para a evocação e (re)construção do referente permitindo que seja homologada a sua recategorização.

Um outro ponto que destacamos de Lima (2009) refere-se ao papel da metáfora e da metonímia conceituais como processos fundamentais no licenciamento de expressões linguísticas recategorizadoras. Tais processos, em separado ou de forma integrada, estão na base das ocorrências de recategorização que investigamos. O próprio redimensionamento da concepção de recategorização somente foi possível a partir da possibilidade de evocação desses processos na descrição do fenômeno, processos esses tratados, na perspectiva da Linguística Cognitiva, como metáfora e metonímia conceituais ou, na versão da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, como modelos cognitivos metafóricos e metonímicos. Na seção seguinte, abordamos de maneira mais específica o papel desses processos na construção de recategorizações na atividade discursiva.

A metáfora e a metonímia conceituais no licenciamento de expressões linguísticas recategorizadoras

Conforme afirmamos em Lima (2009, p. 57), uma das consequências de se conceber a recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva “é a possibilidade de ampliar-lhe a descrição reconstruindo a rede conceitual/inferencial subjacente às expressões linguísticas recategorizadoras”. Nesse contexto, a metáfora e a metonímia são exemplares para o objetivo de explorar como essas redes conceituais/inferenciais atuam no processo de recategorização, condição viabilizada por meio de uma interface com a Linguística Cognitiva, particularmente no tratamento desses processos como modelos cognitivos idealizados, segundo proposição de Lakoff (1987 et col.), que seguimos neste trabalho.

Para esse autor, o significado não pode ser entendido simplesmente como “uma coisa”, porque deriva da atuação de um tipo de ser num determinado ambiente, ou seja, é estruturado somente a partir da experiência. Como explica Feltes (2007, p. 127), “a significação linguístico-conceitual só pode ser tratada em termos de MCIs [modelos cognitivos idealizados]”. Os MCIs, por sua vez, podem ser definidos sumariamente como estruturas cognitivas que constituem domínios nos quais os conceitos adqui-

rem significação. Entretanto, devem ser compreendidos como construtos idealizados, porque, segundo a referida autora,

[...] em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si (FELTES, 2007, p. 89).

Feltes (2007) dá outra contribuição na explicitação da natureza dos MCIs, quando afirma que os modelos cognitivos podem ser entendidos como modelos culturais, dependendo do contexto em que tomam lugar. A autora fundamenta tal afirmação no fato de que “a cognição humana está inextricavelmente ligada à experiência humana corpórea, social, cultural e histórica” (FELTES, 2007, p. 90). Assim, as categorias geradas pelo sistema conceitual humano podem ser simultaneamente cognitivas e culturais. Contudo, ela adverte que nem todo modelo cognitivo é cultural, uma vez que já se discute a tese da universalidade de alguns modelos cognitivos.

Há que se ressaltar ainda que os modelos cognitivos têm um estatuto cognitivo e resultam da capacidade de categorização humana. Como afirma Lakoff (1987, p. 134), são usados “para compreender o mundo e para criar teorias sobre o mundo”. O autor apresenta cinco tipos básicos de modelos cognitivos,

mas aqui trataremos apenas dos metafóricos e metonímicos, considerando o recorte deste trabalho, fazendo, porém, ainda, uma breve alusão ao modelo cognitivo proposicional do tipo “frame”, ao qual também recorreremos na proposta de leitura do poema empreendida.

Nesse contexto, para a Linguística Cognitiva, a metáfora não é concebida como um mero recurso de ornamento da linguagem poética, mas, sim, como um processo cognitivo que faz parte da nossa linguagem do cotidiano, atuando no licenciamento das expressões linguísticas que utilizamos corriqueiramente nas mais diversas situações comunicativas, inclusive no discurso poético. Daí porque, como defendem Lakoff e Johnson (1980, p. 3), “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica”. Em outros termos, a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas somente é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. A metáfora conceitual “a morte é partida”, por exemplo, é significativa na estruturação do conceito morte em nossa cultura, não sendo raro o uso de expressões linguísticas do tipo “Fulano fez a viagem” ou “Beltrano partiu para a outra vida”. Sumariamente, “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5), consistindo esse fenômeno no mapeamento entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte (e.g.: partida) e

o domínio-alvo (e.g.: morte), sendo que, via de regra, o primeiro domínio é mais físico e o segundo mais abstrato.

Da mesma forma que a metáfora, a metonímia, para a Linguística Cognitiva, é compreendida também como um processo cognitivo, o qual consiste em tomar “um aspecto bem-entendido ou fácil de perceber de alguma coisa e usá-lo para estar pela coisa como um todo, ou por algum outro aspecto ou parte dela” (LAKOFF, 1987, p. 77). A diferença é que um mapeamento metonímico envolve apenas um domínio conceitual. Assim, o clássico exemplo seguinte, um enunciado proferido numa conversa entre dois garçons no ambiente de um restaurante, ilustra a metonímia conceitual.

(4) *O sanduíche de presunto* acabou de derramar toda a cerveja sobre ele
(LAKOFF, 1987, p. 77).

Como explica Lakoff (1987), nesse exemplo, o entendimento é o de que a expressão “sanduíche de presunto” instancia uma metonímia pela associação de duas entidades, em que uma delas, “o item ordenado pelo consumidor” está “pelo consumidor”, e ambas as entidades pertencem ao mesmo modelo cognitivo de restaurante.

Com base no aparato da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, defendemos, em Lima (2009), que os modelos cognitivos metafóricos e metonímicos, individualmente ou integrados, podem licenciar expressões linguísticas recategorizadoras. O texto seguinte exemplifica essa formulação.

(5) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:

– Doutor, o senhor esqueceu *a porta da sua garagem* aberta!

Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:

– Por acaso a senhora viu a minha *Ferrari vermelha*?

– Não senhor! Tudo que eu vi foi *um fusquinha desbotado* e com *os pneus dianteiros totalmente murchos*! (SARRUMOR, 2000, p. 187).

No exemplo (5), damos destaque a quatro ocorrências de recategorização que engatilham a comicidade do texto: i) a de “braguilha como porta de sua garagem” (do Doutor); ii) a de “genitália masculina” como “Ferrari vermelha”; iii) a de “genitália masculina” como “fusquinha desbotado”; iv) a de “testículos” como “pneus dianteiros totalmente murchos”. Em (i) temos uma ocorrência de recategorização metafórica textualmente explícita. Já em (ii), (iii) e (iv) ocorre uma integração de metonímias e metáforas no licenciamento das respectivas recategorizações, pois, por um processo metonímico, temos as marcas (Ferrari e fusquinha) pelo objeto (carro) e a parte (pneus dianteiros) pelo todo (carro). Simultaneamente, o referente “genitália masculina” é recategorizado metaforicamente como “Ferrari vermelha” e “fusquinha desbotado”, assim como o referente “testículos” é recategorizado como “pneus dianteiros totalmente murchos”. Note-se que as expressões linguísticas recategorizadoras (“Ferrari vermelha”, “fusquinha desbotado”, “pneus dianteiros totalmente murchos”) trazem em sua

subjacência os dois processos: metáfora e metonímia. Ressaltamos também que essas três últimas ocorrências de recategorização descritas constituem casos em que o referente recategorizado não se explicita na superfície textual. A sua (re)construção e consequente recategorização ocorrem a partir de pistas textuais que evocam a abertura do “frame” de relacionamento sexual. A própria recategorização metafórica explícita de braguilha como “porta de garagem” pode funcionar como uma pista importante para a abertura desse modelo cognitivo, em que a genitália masculina metaforicamente é concebida como um meio de transporte. Convém aqui uma breve explicação sobre o “frame”, um dos tipos de modelos cognitivos proposicionais definidos por Lakoff (1987), ao qual também recorreremos na descrição das ocorrências de recategorização.

No âmbito da Linguística Cognitiva, a definição de um “frame” pode ser feita da forma seguinte:

Uma esquematização das experiências (uma estrutura de conhecimento), que está representada em nível conceitual e armazenada na memória de longo prazo e que relaciona elementos e entidades associados a uma cena, situação ou evento particular, culturalmente arraigada à experiência humana. *Frame* abrange diferentes tipos de conhecimento incluindo os atributos, e as relações entre os atributos (EVANS, 2006, p. 85).

Essa definição é feita com base em Fillmore (1976, 1977, 1982a, 1982b, 1985), segundo o qual a compreensão do significado de uma palavra ou de uma expressão linguística em geral depende

do acesso ao conhecimento enciclopédico a ela relacionado. Para ele, as palavras e construções evocam “frames”, de forma que estes podem ser conduzidos da memória de longo prazo para a memória operacional, porém, como afirma Feltes (2007, p. 135), “não como ‘pacotes’ estocados, mas como estruturas em contínua construção a partir da experiência”.

À guisa de ilustração, Lakoff e Johnson (1999), afirmando que os “frames” radicados no inconsciente cognitivo contribuem semanticamente para a construção dos sentidos das palavras e sentenças, dizem que a palavra “garçon” é definida em relação ao “frame” de restaurante, o qual caracteriza o nosso conhecimento geral de restaurantes, ou seja, a estrutura da experiência de restaurante. Analogamente, no exemplo (5), como já pontuamos, é a evocação do “frame” de relacionamento sexual que faz emergir a estrutura dessa experiência na qual se ancoram os referentes recategorizados no texto.

Como veremos na seção seguinte, os processos de recategorizações metafórica e metonímica formam uma cadeia importante na construção textual e, não raro, aparecem imbricados. Entendemos que a identificação e descrição de ocorrências de recategorização na progressão textual pode ser uma estratégia produtiva para a construção dos sentidos do texto.

“Quando eu morrer:” a evocação de recategorizações metafóricas e metonímicas na construção dos sentidos do texto

Nesta seção, damos corpo à proposta de leitura do poema “Quando eu morrer”, de Castro Alves, tendo como fio condutor a descrição das várias ocorrências do processo de recategorização que se entremeiam na tessitura do poema como peças fundamentais à construção de sentidos de sua temática da morte. Nesse sentido, o próprio título do poema, de imediato, já permite que se acione a formação do enquadre desse tema, que toma diferentes contornos ao longo da progressão do texto, como demonstramos na sequência. Antes, porém, faz-se necessário a apresentação do poema em sua totalidade, para a posterior retomada de suas partes.

Quando eu morrer

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver

No fosso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.

Corre nas veias negras desse mármore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, num bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a boca libertina.

Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos – errantes – por santelmo.
Tem por velame – os panos do sudário...
Por mastro – o vulto esguio do cipreste,
Por gaivotas – o mocho funerário...

Ali ninguém se firma a um braço amigo...
Do inverno pelas lúgubres noitadas...
No tombadilho indiferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! Perguntai aos frios esqueletos
Por que não têm o coração no peito...
E um deles vos dirá “Deixei-o há pouco
De amante no lascivo leito”.

Outro: “Dei-o ao meu pai”. Outro: “Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho”...
...Meus amigos! Notai... bem como um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...
(ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Record, 1998).

Conforme a metodologia adotada em Lima (2009) para a análise desse mesmo poema, porém com outro objetivo,⁸ iniciamos a proposta de leitura do poema dividindo-o em seis partes constituídas por diferentes “frames” que compõem o cenário de morte retratado no poema. Esses “frames” são evocados a partir das expressões linguísticas constituintes do poema, porém a sua rotulação se faz como sugestiva e não como determinista. É preciso também deixar claro, nesse preâmbulo da proposta, o entendimento da existência de um modelo cognitivo que ancora a concepção de morte tomada como temática do poema. Esse modelo cognitivo/cultural apresenta a morte como o fim do ciclo da vida, destino ine-

vitável de todos os homens, sendo regido também pela crença de que se morre para entrar em outra vida. Certamente que tal modelo tem sua base de validação nas doutrinas religiosas do cristianismo, vigentes na sociedade ocidental. Há que se ressaltar também que os elementos

chamados a compor esse modelo cognitivo/cultural particularizam, no poema, as impressões do enunciador acerca da morte como último estágio do ciclo da vida humana. Vejamos, então, no quadro abaixo, a sistematização das partes do poema e de seus respectivos “frames”.

DIVISÃO DO POEMA	FRAMES	SEGMENTOS TEXTUAIS
Parte 1	Frame 1: Morte	Quando eu morrer... não lancem meu cadáver No fosso de um sombrio cemitério...
	Frame 2: Cemitério	Odeio o mausoléu que espera o morto Como o viajante desse hotel funéreo.
	Frame 3: Mausoléu	Corre nas veias negras desse mármore Não sei que sangue vil de messalina,
	Frame 4: Cemitério	A cova, num bocejo indiferente, Abre ao primeiro a boca libertina.
Parte 2	Frame 5: Nau [tripulação]	Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério... Que povo estranho no porão profundo! Emigrantes sombrios que se embarcam Para as plagas sem fim do outro mundo
Parte 3	Frame 6: Nau [embarcação]	Tem os fogos – errantes – por santelmo. Tem por velame – os panos do sudário... Por mastro – o vulto esguio do cipreste, Por gaivotas – o mocho funerário...
Parte 4	Frame 7: Nau	Ali ninguém se firma a um braço amigo... Do inverno pelas lúgubres noitadas... No tombadilho indiferentes chocam-se E nas trevas esbarram-se as ossadas...
Parte 5	Frame 8: Empatia [enunciador com os mortos]	Como deve custar ao pobre morto Ver as plagas da vida além perdidas, Sem ver o branco fumo de seus lares Levantar-se por entre as avenidas!..
Parte 6	Frame 9: Diálogo do enunciador com os mortos	Oh! Perguntai aos frios esqueletos Por que não têm o coração no peito... E um deles vos dirá “Deixei-o há pouco De amante no lascivo leito”. Outro: “Dei-o ao meu pai”. Outro: “Esqueci-o Nas inocentes mãos de meu filhinho”... ...Meus amigos! Notai... bem como um pássaro O coração do morto volta ao ninho!...

Fonte: Quadro adaptado de Lima (2009, p. 148).

Quadro 1 - Divisão das partes e sistematização dos “frames” do poema

No detalhamento do Quadro 1, para não perder de vista os objetivos deste artigo, vamos nos deter na descrição dos processos de recategorização metafórica e metonímica que são chamados como “condutores” da proposta de leitura do poema aqui empreendida, porém fazendo a sua devida contextualização dentro das respectivas partes e “frames” definidos do poema.

Assim, na primeira parte do poema, da qual se evocam os “frames” morte (1), cemitério (2), mausoléu (3) e cemitério (4), infere-se que o enunciador pensa na morte (cf. título “Quando eu morrer”), no que ele não deseja para si, e lhe cria um cenário. De início, destacamos nesse cenário, os elementos “morto”, “mausoléu”, “cemitério” e “cova”, cujas recategorizações metafóricas e metonímicas, na progressão textual, são cruciais na construção dos sentidos do poema. Note-se que as recategorizações metafóricas de “morto” e “cemitério”, respectivamente como “viajante” e “hotel funéreo”, instauram a concepção de morte como uma viagem, uma passagem para uma outra vida, que, como bem se mostra no desenvolvimento do poema, tem como ponto de partida o cemitério, lugar em que os viajantes (os mortos) se hospedam enquanto chega o momento da partida da alma. A recategorização metonímica de morto como cadáver também refina essa inferência inicial no sentido de que o corpo é compreendido como um lugar em que a alma habita. Com a morte, há o descarte do corpo, mas a alma segue para outra vida ou outra dimensão

Quando eu morrer...
não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.

Na sequência, o enunciador revela uma outra face da morte construída por uma mescla de recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias. Trata-se da recategorização de “mausoléu” como “mármore”.

Corre nas veias negras desse mármore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, num bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a boca libertina.

Nesse segmento, “mausoléu” é retomado pela expressão recategorizadora “desse mármore”, porém agora sofrendo uma transformação de seu sentido de “construção para mortos”, em que lhe são atribuídas características humanas. A personificação do mausoléu pode ser descrita da seguinte forma: à recategorização de “mausoléu” como [desse] “mármore”, integram-se três outras recategorizações que implicam processos metafóricos e metonímicos, ou seja, a de “desenhos da superfície do mármore” como “veias negras”, a de “matéria que constitui o mármore” como “sangue vil” e a de “pecado” como “messalina”. Tais recategorizações devem ser compreendidas da seguinte forma: i) metonimicamente mármore é tomado por mausoléu; ii)

simultaneamente ocorre um processo de recategorização metafórica de “mausoléu” como “um organismo vivo”; iii) a recategorização a que refere (ii) é (re)construída pela abertura do processamento cognitivo das recategorizações de “desenhos da superfície do mármore” como “veias negras”, de “matéria que constitui o mármore” como “sangue vil” e de “pecado” como “messalina”. Dito de outra forma, o mausoléu, tomado metonimicamente por mármore, é, ao mesmo tempo, metaforicamente conceituado como um corpo que possui veias negras onde corre sangue vil de messalina. É por isso que é próprio dizer que a recategorização de “mausoléu” como [desse] “mármore” tem base metonímica e metafórica, estando ambos os processos integrados no licenciamento da expressão linguística recategorizadora (i.e., mármore).

Convém notar que as expressões recategorizadoras “veias negras”, “sangue vil” e “messalina” têm os seus referentes explicitados apenas no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, ou seja, mediante a evocação dos processos metafóricos e metonímicos que as licenciam. Tais recategorizações, aparentemente apenas metonímicas, são também licenciadas pela metáfora “Mausoléu é um organismo (corpo) vivo”, havendo, desse modo, uma integração da metáfora e da metonímia na sua construção.

No fecho dessa primeira parte do poema, a expressão “mausoléu” sofre nova recategorização metonímica como cova,

forma que o enunciador utiliza para se reportar ao momento do ritual do enterro. Num processo simultâneo, “cova” é recategorizada metaforicamente como “boca” (“A cova num bocejo indiferente,/ Abre ao primeiro a boca libertina”), de forma coerente com a recategorização anterior de “mausoléu” como “um corpo”. Por um processo metonímico (Característica pela pessoa), a expressão “boca libertina” remete a “messalina”, também referida anteriormente, significando uma boca que se abre para qualquer um. Note-se também que, nesse segmento, há uma integração dos processos metafórico e metonímico no licenciamento das expressões recategorizadoras. O interessante é que aqui se constrói uma situação ainda mais rica em termos da recategorização como um processo interativo entre metáfora e metonímia, porque a expressão linguística “cova” homologa a recategorização metonímica de “mausoléu”, mas essa recategorização já vem encadeada numa outra recategorização metafórica de “mausoléu” como “corpo”, manifesta apenas no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, tanto que, na progressão referencial, a mesma expressão “cova” é recategorizada metaforicamente como “boca”.

Tal fato é ilustrativo da concepção de recategorização como um processo que se configura não apenas na linearidade do texto. Conforme defendemos em Lima (2009), particularmente nessas situações em que metáfora e metonímia interagem no licenciamento de expres-

sões linguísticas recategorizadoras, as recategorizações se dão numa espécie de cadeia que exige um movimento circular na sua (re)construção.

A segunda parte do poema, confirma o cenário da apresentação da morte como uma partida (saída do hotel), que se dá por meio de uma nau edificada no cemitério, o mausoléu. Essa partida ocorre a partir do sepultamento do corpo no mausoléu, agora metaforicamente concebido como uma embarcação (nau) edificada no cemitério, o seu ponto de partida, cujos passageiros são os mortos. Nessa parte, evoca-se o “frame” de nau (5) sob a perspectiva de seus tripulantes, os mortos.

Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam

Para as plagas sem fim do outro mundo.

Nesse segmento do poema, observe-se o papel da recategorização de “mausoléu” como “nau” (do sepulcro),⁹ sendo que a referência, nesse caso, retorna ao mausoléu do “frame” 2 (construção para mortos). Três outras recategorizações metafóricas se somam a essa primeira, a de “cova” como “porão profundo”, a de “mortos” como “povo estranho” e a de “mortos” como “emigrantes sombrios”. Ressalte-se que nas três, da mesma forma que a primeira, os referentes recategorizados não se explicitam textualmente no segmento textual que evoca o “frame” (5), de nau, mas no que evoca o

“frame” (1), de morte, o que comprova, mais uma vez, a circularidade do processo de recategorização aqui defendida. Todas essas recategorizações corroboram para construção dos sentidos de morte como uma partida.

A terceira parte do poema retrata a cena da partida da nau. Nesta, novamente se evoca o “frame” nau (6), porém agora sob a perspectiva de embarcação que conduz os mortos para a outra vida.

Tem os fogos – errantes – por santelmo.

Tem por velame – os panos do sudário...

Por mastro – o vulto esguio do cipreste,

Por gaivotas – o mocho funerário...

Nessa parte, é possível constatar a caracterização da nau por meio de metáforas explícitas na estrutura sintática, que marca expressamente as correlações que o enunciador estabelece entre a estrutura da nau e elementos associados ao curso fúnebre e ao cenário de um cemitério. Assim, a nau evocada tem por santelmo os fogos errantes, os panos do sudário por velame, o vulto esguio do cipreste por mastro e o mocho funerário por gaivotas, de modo que a descrição da nau é feita de acordo com o seu papel de veículo de transição da morte: a nau é o meio de partida. Notadamente, o “frame” de nau ora descrito não pode ser dissociado do anterior, em que se apresenta a nau como a recategorização de mausoléu. Isso porque as analogias realizadas envolvem elementos que são

parte da viagem de uma nau tomada em sentido não figurado e elementos da nau evocada na segunda parte do poema como metáfora de mausoléu.

Já a quarta parte do poema diz respeito a um momento posterior da viagem da nau, quando os corpos dos mortos já se transformam em ossadas, pelo que se infere que os mortos já consolidaram a passagem para uma outra dimensão, embora não se revele explicitamente a que ponto a nau chegou. O “frame” de nau (6) é novamente retomado num outro ângulo.

Ali ninguém se firma a um braço
amigo...

Do inverno pelas lúgubres noitadas...
No tombadilho indiferentes chocam-se

E nas trevas esbarram-se as ossadas...

No segmento acima, o elemento dêitico “ali” é fundamental para a evocação do “frame” de nau (6), embora, como já dito, tomado noutro aspecto, que aponta para a consumação da “viagem da morte”. Destaque para a recategorização metonímica de “os corpos dos mortos como ossadas”, cujo referente recategorizado (“os corpos dos mortos”) é inferido da ancoragem no conjunto de “frames” já descritos. A incerteza do destino final da viagem da nau é expressa pelo enunciador no segmento “E nas trevas esbarram-se as ossada”. A morte assim é concebida como escuridão, porque o escuro representa o desconhecido. O enunciador reforça a crença de que o destino

do homem após a morte é uma incógnita, daí o temor do desconhecido. Observe-se também que ele encerra, nesse ponto, a descrição do cenário da morte como uma viagem, o que permite a inferência de que não se pode falar daquilo que não se conhece, a outra dimensão. Nas duas últimas partes do poema, como veremos na sequência, o seu foco se volta para os possíveis sentimentos e lembranças dos mortos, numa espécie de digressão.

Assim, a quinta parte do poema manifesta a criação de uma empatia do enunciador com o morto, o qual faz conjecturas sobre as suas possíveis lembranças. Note-se que o enunciador se distancia da cena e especula acerca das lembranças dos mortos em geral, que muito bem podem ser aquelas que ele mesmo poderia ter depois de morto. Evoca-se, nessa parte, o *frame* de “empatia com a morte” (7).

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!..

Destaca-se nesse “frame” uma sequência de metonímias que estruturam o conceito de lar, na relação que o enunciador estabelece entre morte e separação. A expressão “branco fumo” é uma recategorização metonímica de “chaminé”, referente que se infere dos modelos cognitivos da forma que segue, ou seja, por um processo metonímico, “branco fumo está por chaminé” e também “por calor”. Pelo mesmo processo, “chaminé está por lar” e “avenidas por lugares conhecidos”,

que nunca mais serão vistos pelo morto, configurando-se o sentido de que a morte é uma viagem sem retorno.

Na última parte do poema, o enunciador sugere um diálogo com os mortos, passando a evocar a morte no enfoque espiritualista, considerando que a sugestão do diálogo evidencia a crença da imortalidade da alma.

Oh! Perguntai aos frios esqueletos
Por que não têm o coração no peito...
E um deles vos dirá
“Deixei-o há pouco
De amante no lascivo leito.

Outro: “Dei-o ao meu pai”. Outro:
“Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho”...
...Meus amigos! Notai... bem como
um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...

No “frame” evocado nessa última parte do poema, o de “diálogo com os mortos” (8), destaca-se, de início, a recategorização metonímica de “mortos” como “frios esqueletos”. Como tal, o morto é frio porque o coração que bombeia o sangue para o corpo cessou suas funções, não existindo mais nele o calor sanguíneo. Se não há mais sangue correndo nas veias, não há mais vida (“vida é calor”), da mesma forma que o coração para de bater porque o corpo, tomado metonimicamente pela vida, deixa de existir. O referente “mortos”, recategorizado metonimicamente como “frios esqueletos”, somente pode ser inferido a partir do modelo metonímico que ancora a referida construção.

No diálogo com os mortos, sugerido pelo enunciador, a pergunta sobre onde eles deixaram o coração tem a resposta de três interlocutores diferentes. Em todas, a expressão “o coração”, a partir desse ponto também considerada como uma recategorização de “vida”, é retomada pelo pronome “o”, compreendendo-se que o referente “vida” é inferido da estruturação desse “frame” e não se manifesta textualmente.

O primeiro interlocutor remete a uma pessoa pecadora, que vivia na luxúria, pela referência explícita a lascivo leito, expressão metonimicamente tomada por pecado. Para essa interpretação, estabelece-se aqui uma relação com o “frame” 4, em que “cova” é metaforicamente recategorizada como “boca libertina” que se abre a qualquer um, sendo “libertina” metonimicamente tomada por “messalina”, analisada no “frame” 3 como uma remissão ao pecado. O segundo e o terceiro interlocutores, pelo fato de terem deixado o coração com seus entes queridos, respectivamente o pai e o filho, remetem a pessoas boas.

Nos dois últimos versos do segmento textual evocativo desse “frame”, o enunciador rompe com a conceitualização de morte como separação, a qual vem sendo construída, retornando ao esquema de morte como ligação, inferido do trecho “[...] como um pássaro o coração do morto volta ao ninho”. Entende-se que a expressão “volta ao ninho” está sendo usada metaforicamente em referência à lembrança do morto pelos vivos, pois, se

há lembrança, não há separação (morte), de sorte que metaforicamente “lembrança é vida”: alguém não morre enquanto lembrado, daí o esquema de ligação.

Nesse fecho, comprova-se que, embora a construção do poema se tenha guiado, a princípio, pelo modelo materialista da morte, o enunciador termina por dar vazão ao modelo espiritualista, reafirmando a crença da imortalidade da alma. Ao mesmo tempo, parece haver uma tentativa de convencer a si próprio de que, apesar da temida morte física, é possível ser eternizado nas lembranças dos vivos, talvez uma espécie de conforto para aqueles que adotam o modelo espiritualista, mas não têm, de fato, a certeza de que renascerão em outra dimensão. Assim, sobrepõe-se a esses dois modelos cognitivos/culturais um outro, ditado pelo senso comum: o de que só morre realmente quem é esquecido (“morte é esquecimento”), passando a morte a ser conceitualizada como o apagamento das lembranças.

Considerações finais

Na proposta de leitura de análise do poema “Quando eu morrer”, de Castro Alves, recorreremos à identificação e descrição de expressões linguísticas recategorizadoras licenciadas por metáforas e metonímias, constatando que esses processos cognitivos estão em constante interação no licenciamento desse tipo de ocorrência. Vimos também que, especialmente na construção desse tipo de recategorização, é preciso admitir a extensão desse processo em termos de

sua ancoragem no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, o que demonstra que a recategorização nem sempre pode ser totalmente explicitada na superfície do texto, pela retomada ou remissão de itens lexicais, sendo necessário rastrear as suas âncoras por processos inferenciais, no caso, via modelos cognitivos.

Temos ciência de que a proposta de leitura aqui esboçada não esgota todas as possibilidades de construção dos sentidos do poema analisado, além de não termos a pretensão de constituir nenhum modelo de leitura. De fato, o que apresentamos é uma leitura do poema que resulta de operações introspectivas de interpretação de um analista especializado, porém validada pelas pistas linguísticas presentes no texto.

Ressaltamos que as recategorizações descritas nessa leitura funcionam como peças importantes na tessitura do poema. Apesar de tomarmos um processo linguístico como mola propulsora para a construção dos sentidos do poema, isso não invalida a mobilização de outros elementos contextuais envolvidos nessa tessitura, viabilizada pelos modelos cognitivos/culturais evocados na descrição das ocorrências de recategorização.

Ademais, julgamos que uma proposta de leitura do texto literário que permite trazer à cena elementos não materializados na superfície do texto, mas passíveis de reconstrução numa dimensão cognitivo-discursiva, possa ser produtiva para desvendar toda a complexidade e riqueza de sua construção.

*The construction of meanings
in a literary text through the
processes of recategorization
licensed by metaphor and
metonymy*

Abstract

This article aims at making a proposal on reading literary texts, particularly, on reading the poem “Quando eu morrer” (*When I die*), by Castro Alves, taking into account the description of the processes of recategorization licensed by metaphor and metonymy recurrent in the constitution of that poem. The theoretical background for the elaboration of the proposal comes from both Text Linguistics and Cognitive Linguistics, which are fields of study that support the discursive-cognitive approach on recategorization taken in this paper, according to Lima (2009). It is understood that the explanation on the linguistic mechanism of recategorization can be very useful to bring about all the complexity and richness of the literary text, whose unity is achieved due to a chain of linguistic expressions that goes beyond the level of the text materiality. Recategorization is, therefore, a fundamental process for the thematic progression of the poem to be analyzed, working as one of the main points to the following construction of meanings.

Key words: Recategorization. Construction of meanings. Literary text.

Notas

- ¹ A hipótese sociocognitiva da linguagem, como designa Salomão (1999), erige-se de reflexões sobre a significação de cunho cognitivista, a que se somam contribuições de estudos que focalizam a interação e a dimensão cultural da cognição humana. Contudo, essas reflexões não se pautam por um cognitivismo clássico ou modularista, caracterizado por uma dicotomia fechada entre “sujeito cognitivo” e “realidade cognoscível”, mas por convicções construcionistas/interacionistas, no dizer de Salomão (1999), alinhando-se a uma visão de cognição corporificada.
- ² A concepção clássica de referência é centrada num modelo de relação especular entre as palavras e os objetos do mundo, em que as formas linguísticas são avaliadas em termos de suas condições de verdade e de correspondência com o mundo (“mundo real” ou “universos possíveis”).
- ³ Segundo Cavalcante (2003), esse exemplo é proveniente de trabalho do autor apresentado num encontro sobre linguística na pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, em dezembro de 1998.
- ⁴ Em Lima (2003), investigamos o processo de recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada.
- ⁵ Em Lima (2003), com base em Marcuschi e Koch (2002), já propomos indiretamente um conceito mais amplo de recategorização ao admitir um critério cognitivo na classificação dos tipos de recategorização metafórica que engatilham o humor na piada. Para Marcuschi e Koch (2002, p. 46), “a recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação”. Entretanto, eles não chegam a sistematizar nenhuma proposta de tratamento e classificação do processo de recategorização.
- ⁶ Ver mais sobre recategorização metafórica e humor em Lima (2003).
- ⁷ A teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados tem os seus princípios explicitados na obra *Women, fire and dangerous things*, de George Lakoff, lançada em 1987. Na proposição desse modelo teórico, o autor firma a tese de que o conhecimento é organizado por meio de estruturas, as quais denomina de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), defendendo também que a estrutura de categorias e os efeitos prototípicos resultam dessa organização.
- ⁸ Em Lima (2009), o objetivo da análise do poema diz respeito à investigação da hipótese de que a metáfora e a metonímia interagem no licenciamento de expressões linguísticas metafóricas.
- ⁹ Aqui fazemos a leitura de que “do sepulcro” tenha sido utilizado somente por uma questão de métrica, razão pela qual consideramos na análise apenas a expressão “nau”.

Referências

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER ; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
- AVIZ, L. M. de M. *As melhores piadas que circulam na internet e as que ainda vão circular*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- EVANS, V. *A glossary of cognitive linguistics*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2007.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.
- CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- FELTES, H. P. M.. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics and the nature of language. *Annals of the New York Academy of Science: conference on the origin and development of language and speech*, v. 280, p. 2032, 1976.
- _____. The need for a frame semantics in linguistics. In: KARLGREN, Hans (Ed.). *Statistical Methods in Linguistics*, n. 12, p. 5-29, 1977.
- _____. Towards a descriptive framework for especial deixis. In: JARVELLA, R. J.; KLEINS, W. (Ed.). *Speech, place, and action*. London: John Wiley, 1982a. p. 31-59.
- _____. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982b.
- _____. Frames and semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-255, 1985.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LEITE, R. L. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- LIMA, S. M. C. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- _____. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. V. VIII. p. 31-56.
- MONDADA, L. ; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de Linguistique)*, n. 23, 1995, p. 273-302.
- SARRUMOR, L. *Ainda mais mil piadas do Brasil*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.